

PRIMEIRA PARTE

Em termos dramáticos, seria talvez mais eficaz iniciar esta história no momento em que Arnold Baffin me telefonou e disse, «Bradley, importas-te de vir aqui, por favor, acho que acabei de matar a minha mulher.» Não obstante, um padrão mais profundo sugere que Francis Marloe, qual pajem ou criada (símiles que decerto lhe agradariam), seja o primeiro a entrar em cena, uma meia hora antes da momentosa chamada de Arnold, para dar início à acção. Até porque as notícias que ele me trouxe formam a moldura, ou o contraponto, ou o invólucro do que aconteceu posteriormente no drama de Arnold Baffin. Há de facto muitos lados por onde eu poderia começar. Podia começar pelo choro de Rachel, ou o de Priscilla. Lágrimas não faltam nesta história. No âmbito de uma explanação complexa, qualquer ordem pode parecer arbitrária. No fim de contas, quem sabe onde é que qualquer coisa começa? O facto de três dos quatro pontos de partida mencionados serem causalmente independentes entre si sugere todo o tipo de especulações, indubitavelmente de natureza irracional, sobre o mistério do destino dos homens.

Como disse, eu estava prestes a sair de Londres. Era uma gélida e húmida tarde de Maio. O vento não transportava quaisquer odores florais, espalhando antes um humor fresco e malsão sobre a carne que posteriormente tentaria esfolar. Eu tinha as malas feitas e preparava-me para chamar um táxi — aliás, até já tinha levantado o auscultador do telefone — quando senti o impulso nervoso de adiar a partida, de me sentar para reflectir melhor, uma atitude que na Rússia, segundo ouvi dizer, foi já elevada à condição de ritual. Voltei a pousar o auscultador, regresssei à minha salinha vitoriana, atulhada de móveis, e sentei-me. O resultado desta manobra foi sentir-me desde logo ansioso em relação a uma infinidade de pormenores que havia já conferido dez vezes. Levaria suficientes comprimidos para dormir? Teria posto na mala o preparado de beladona? E os cadernos de notas? Eu só consigo escrever num certo tipo de cadernos, com um determinado intervalo entre as linhas. Corri para o vestíbulo. Encontrei os comprimidos e os cadernos, claro, mas agora tinha as malas semi-desfeitas e o coração violentamente acelerado.

Eu vivia então, havia muito tempo, no rés-do-chão de uma casa integrada numa bonita mas decrépita praça de edifícios dispostos em terraço, na parte norte do Soho, não muito longe da Torre dos Correios, uma zona mergulhada num permanente bulício. Eu preferia aquele meio metropolitano, de uma pobreza digna, aos subúrbios ricos mas carentes de estilo onde os Baffins moravam. O meu apartamento ficava nas traseiras do edifício. O meu quarto tinha vista para uns caixotes de lixo e para uma escada de incêndio; e a sala dava para uma parede de tijolo coberta de lama seca. As paredes da sala, que na verdade era metade da divisão (sendo a outra metade, nua e degradada, o meu quarto de dormir), tinham um forro em painéis de madeira de um tom esverdeado e com aquela dignidade poeirenta que só se obtém ao fim de cinquenta anos de desbotamento. A casa tinha demasiada mobília, estava repleta de bricabraque vitoriano e oriental, minúsculos e heterogêneos *objets d'art*, pequenos coxins, bandejas marchetadas, veludos e até coberturas de espaldares ou passamanarias. Mais do que coleccionar, acumulo coisas. Sou também meticulosamente arrumado, embora tenha desistido de lutar contra o pó. Era como um útero sombrio e acolhedor, o meu apartamento, com um interior ricamente lavrado e sem exterior. Só da porta do edifício, que não era a do meu apartamento, se podia enxergar um pedaço de céu, por cima dos prédios altos, e atrás destes a serena e austera erecção da Torre dos Correios.

Assim, decidi adiar a minha partida. Que teria acontecido se o não tivesse feito? Eu estava disposto a desaparecer durante o Verão inteiro, ir para um local que nunca tinha visto mas que adoptara desde logo, às cegas. Não revelara a Arnold o sítio para onde ia. Preferi deixá-lo na incerteza. Porquê, pergunto-me agora? Por algum obscuro sentimento de rancor, talvez? O mistério amplia sempre a importância de qualquer coisa. Disse-lhe, num tom ao mesmo tempo vago e firme, que estava a pensar viajar pelo estrangeiro, sem direcção definida. Porque lhe terei mentido? Em parte, quiçá, para o deixar intrigado. Eu nunca saía de casa, e talvez tivesse achado que era altura de surpreender Arnold. Também não informei Priscilla, a minha irmã, que ia sair de Londres. Nisso não havia nada de estranho. Ela vivia em Bristol com o marido, um tipo de quem eu não gostava. E se eu já tivesse saído de casa no momento em que Francis Marloe me veio bater à porta? E se o eléctrico tivesse chegado à paragem e levado Prinzip antes de o automóvel do arquiduque aparecer ao dobrar da esquina?

Refiz as malas e transferi para o bolso do meu casaco, para ler no comboio, a terceira versão da minha resenha sobre o último livro do Arnold. Como escritor-de-um-livro-por-ano, Arnold Baffin, o prolífico autor de romances populares, nunca passa muito tempo longe do olhar do público. Eu discordava de Arnold em relação à sua escrita. Às vezes, entre dois amigos íntimos, e no que diz respeito a questões importantes, acontece as pessoas aceitarem tacitamente a sua discórdia e não insistirem no assunto. Foi o que

aconteceu entre nós, durante algum tempo. Os artistas são pessoas melindrosas. Não obstante, depois duma olhadela superficial ao seu último livro, verifiquei que havia nele coisas que me agradavam e concordei em escrever uma resenha para um semanário. Poucas vezes escrevera resenhas, que de resto raramente me haviam sido solicitadas. Senti que esse tributo seria uma forma de o ressarcir por certas críticas anteriores e que talvez o tivessem deixado ressentido. Depois, quando li integralmente o romance, achei-o tão detestável quanto os seus numerosos *confrères*, e dei por mim a escrever uma resenha que era um ataque à obra do Arnold em geral. Que fazer? Não queria ofender o editor: ainda que de longe a longe, precisava dele para me publicar os livros. Mas não será obrigação do crítico dar a sua opinião sem receios? Por outro lado, Arnold era um velho amigo.

Foi então que (já basta de digressões, entremos na história) soou a campanha.

O homem que estava lá fora (à porta do edifício, não do meu apartamento) era desconhecido para mim. Parecia estar a tremer, efeito talvez das carícias do vento, ou por estar nervoso, ou alcoolizado. Trazia uma gabardina azul, muito velha, e um cachecol fulvo, de aspecto estrangulante. Era um homem forte (não conseguia abotoar a gabardina), relativamente baixo, com uma comprida e abundante cabeleira cinzenta, encrespada, cara redonda, nariz ligeiramente arqueado, lábios grossos e vermelhos, e dois olhos muito juntos. Ocorreu-me, mais tarde, que parecia a caricatura de um urso. Os ursos, na verdade, têm os olhos bastante afastados, creio eu, mas os caricaturistas costumam representá-los com os olhos quase colados um ao outro, talvez para sugerir astúcia ou mau feitio. Não me agradou nada o aspecto do homem. A sua figura emanava algo de vagamente aziago, que não consegui definir. E o seu cheiro notava-se desde a entrada.

Talvez deva fazer aqui uma nova pausa para me descrever fisicamente. Sou magro e alto, com mais de um metro e oitenta, a fugir para o loiro e não calvo ainda, com cabelos finos, lisos, sedosos e algo descolorados. Tenho um rosto suave, sensível, tímido e nervoso, de lábios finos e olhos azuis. Não uso óculos. Pareço bastante mais jovem do que sou na realidade.

A pessoa malcheirosa que estava à porta começou logo a falar, muito rapidamente, dizendo coisas que não consegui perceber. Sou um bocadito surdo.

«Desculpe, não ouço o que está a dizer, fale um pouco mais alto, por favor, não o consigo ouvir.»

«Ela voltou», ouvi-o dizer.

«Quem? Quem é que voltou. Não o estou a perceber.»

«A Christian voltou. Ele morreu. Ela voltou.»

«*Christian*.»

Era o nome da minha ex-mulher, e há muitos anos que não ouvia ninguém pronunciar-lo à minha frente.

Abri a porta para trás e o homem no degrau, cuja figura reconhecia agora, deslizou ou esgueirou-se para dentro do meu apartamento. Eu recuei para a sala de estar, seguido por ele.

«Não te lembras de mim.»

«Sim, lembro-me.»

«Sou o Francis Marloe, o teu cunhado.»

«Eu sei, eu sei...»

«Ou melhor, ex-cunhado. Achei que devia informar-te. O marido dela morreu, deixou-lhe tudo, e ela voltou para Londres, para a vossa antiga casa...»

«Foi ela que te mandou cá?»

«Ela? Bom, não exactamente...»

«Mandou ou não?»

«Bom, não. Quem me contou foi o advogado dela. Ela voltou para a vossa antiga casa! Imagina!»

«Não vejo que necessidade tinhas de me informar...»

«Queres dizer que ela te escreveu? Eu estava a pensar se ela te teria escrito.»

«Claro que não me escreveu!»

«Imaginei, claro, que estarias interessado em encontrar-te com ela...»

«Não, não quero! Não há no mundo pessoa que menos me interesse encontrar.»

Não vou tentar descrever aqui o meu casamento. Algo do que ele foi acabar-se por transparecer, ao longo do livro. Para a história que pretendo contar, importa mais o seu carácter geral do que os seus pormenores. Não foi um casamento feliz. No início, eu via a minha mulher como um ser portador de vida; mais tarde, como um portador da morte. Há mulheres assim. Há nelas uma energia que parece revelar-nos o mundo: até que um dia percebemos que estamos a ser devorados. Quem já foi vítima do mesmo compreenderá o que quero dizer. Talvez eu tenha uma predisposição natural para o celibato. Christian era uma mulher naturalmente atraente, sem dúvida. A pura tolice, nas mulheres, pode tornar-se atraente. E eu, claro, senti-me atraído. Suponho que ela fosse uma mulher muito *sexy*. Certas pessoas achavam que eu tinha tido sorte. Christian trouxe à minha vida algo que detesto: a desordem. Ela era excelente a fazer cenas. No final, já a odiava. Cinco anos de casamento pareceram convencer-nos a ambos de que era absolutamente impossível continuar com aquilo. Mas, pouco depois de nos termos divorciado, ela casou com um americano rico e inculto chamado Evandale, foi viver para o Illinois e, no que me dizia respeito, desaparecera para sempre da minha vida.

Não há nada que se compare à sensação inerte, morosa de um casamento falhado. Tal como não há nada que se compare com o ódio que sentimos por alguém com quem já fomos casados. (Como pode tal pessoa *atrever-se* a ser feliz?) Não dou crédito a quem fala em «amizade» entre duas pessoas divor-

ciadas. Durante anos vivi com a sensação de que tudo estava irrevogavelmente maculado e corrompido, o que por vezes me levava a olhar o mundo com uma súbita tristeza. Não conseguia afastar de mim o espírito de Christian. Isto não tem nada que ver com amor. Quem já passou por esta espécie de escravidão compreender-me-á. Há pessoas que pura e simplesmente «amesquinham» e «saqueiam» os outros. Suponho que quase toda a gente amesquinhe alguém. Um santo jamais saquearia alguém. A maior parte das pessoas que conhecemos tornam-se para nós prescindíveis a partir do momento em que deixamos de as ver; e ainda bem que assim é. «Longe da vista, longe do coração» é uma das leis da sobrevivência humana. Com Christian, isso não sucedia; ela era ubíqua: a sua consciência era rapace, os seus pensamentos podiam causar-nos dano, atravessando o espaço e o tempo como raios perniciosos. As suas observações ficavam na memória. Só a velha e boa América, por fim, me curou dela. Consegui afastá-la de mim quando ela se mudou com aquele homem enfadonho para uma cidade enfadonha e distante, e a partir daí pude finalmente encará-la como se ela tivesse morrido. Que alívio.

Francis Marloe era outra questão. Ele e os seus pensamentos nunca tinham tido qualquer importância para mim nem, que eu saiba, para quem quer que fosse. Francis era o irmão mais novo de Christian, que o tratava com um indulgente desprezo. Nunca chegou a casar. Depois de muito esforço, conseguiu licenciar-se em medicina, mas acabou por ser suspenso da actividade por causa de umas quaisquer falcatuas com receitas de medicamentos. Mais tarde vim a saber, repugnado, que ele se tinha estabelecido como auto-designado «psicanalista». Mais tarde ainda, alguém me contou que ele tinha começado a beber. Se me dessem a notícia de que ele se tinha matado, recebê-la-ia sem desgosto nem surpresa. Não senti qualquer agrado por voltar a vê-lo. Ele estava de facto muito mudado, quase irreconhecível. Em tempos, tivera uma figura de fauno esguio e saltitante, com uma auréola de cabelos louros na cabeça. Agora tinha um ar grosseiro, forte, vermelhusco e patético, meio selvagem, meio sinistro, talvez meio louco. Sempre fora um homem bastante estúpido. Naquele momento, porém, não era o Sr. Francis Marloe que me preocupava, mas sim as notícias, verdadeiramente terríveis, que ele me trazia.

«Surpreende-me que tenhas achado oportuno vir aqui dizer-me isso. Parece-me uma impertinência. Não quero saber da minha ex-mulher para nada. Para mim, tudo isso acabou há muito.»

«Vá, não te zangues,» disse Francis, adiantando os lábios num beicinho adulator, um gesto muito seu e que sempre recordei com repugnância. «Brad, por favor, não te zangues comigo.»

«E não me chames “Brad”. Estou de saída, vou apanhar um comboio.»

«É só um minuto, queria explicar-te, estive a pensar — sim, não te demoro nada, só peço que me ouças, *por favor*. Imploro-te — ouve, é o seguinte: a primeira pessoa que a Christian virá visitar em Londres és tu...»

«*Eu?*»